

RICARDO SERAFIM



O PRESENTE
DA
TEMPESTADE

O PRESENTE
DA
TEMPESTADE

por Ricardo Serafim

1

O Monstro chegou durante uma tempestade, talvez no que tenha sido a noite mais escura do ano. Era dezembro, e a chuva que se iniciara desde as últimas horas do entardecer perdurava insistente castigando os telhados das casas e dos sobrados, enlameando as ruas e fazendo atolar as rodas das carroças. No interior da mansão dos Soares, todos se encontravam recolhidos em seus aposentos.

Delfim Soares estava sentado à mesa de estudos, ao lado da janela lendo um volume desgastado de *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis. Havia tido um pesadelo e não conseguiu voltar à cama. O barulho dos trovões e a ventania do outro lado da janela lhe deixavam inquieto e, como se não bastasse, sua velha e conhecida enxaqueca o molestava, fazendo-o sentir como se a qualquer momento seus olhos fossem saltar para fora das órbitas.

Impaciente, levantou-se e foi até a janela espiar a chuva. A tempestade açoitava as copas das árvores e, mesmo sob a torrente de água, Delfim distinguiu um vulto atravessando o jardim em direção à entrada. Era uma figura maltrapilha, vestida sob um capuz negro, que caminhava claudicante, pisando nas poças de lama e carregando nos braços algo embrulhado num pano.

Ergueu-se mais alto para tentar ver melhor o vulto, sua enxaqueca desatinou a doer e a sua visão escureceu. Teve que recuar e sentou-se na cama, esperando que o mal súbito passasse, e foi quando ouviu as batidas.

Foram, ao todo, sete batidas vindas da porta da frente.

Assim que sua visão retornou, ficou de pé ao lado da janela, quase com o rosto colado no vidro, e viu novamente a figura encapuzada, dessa vez sem o embrulho, afastando-se rápido da mansão até sumir na escuridão da rua.

Delfim deixou seu aposento. Passando em frente as portas dos outros quartos, imaginou que os demais parentes ainda dormiam, incólumes a visita furtiva. Enquanto descia as escadas, se perguntou o que teria trazido o visitante noturno.

Com o lampião a iluminar o caminho, ele chegou até o salão de entrada. Espiou pelo postigo, não havia ninguém do lado de fora, somente a chuva que descia pelas calhas na varanda à frente. Inspeccionou a abertura da correspondência a procura de algum bilhete ou carta, mas também nada encontrou. Estava quase saindo quando ouviu um barulho vindo da soleira da porta.

Escutou com mais atenção e ouviu novamente o som, que lhe pareceu com um gemido de animal, talvez um filhote indefeso.

Puxou os ferrolhos e destrancou a porta, sentindo a expectativa crescendo dentro do peito a cada trave que se abria. Ao abrir a porta o vento frio lhe abraçou, parecendo congelar a sua alma, com respingos de chuva caindo-lhe pela face.

Ele limpou os óculos e olhou para baixo. Lá estava o embrulho, envolto em pano de linho branco. Abaixou-se devagar para ver melhor. A coisa se movia, não só se movia, como chorava, um

choro baixo, abafado pelas camadas de tecido.

— Oh! meu Deus! — deixou escapar em um lamento.

Colocou a mão na boca, sem conseguir acreditar no que o visitante noturno havia abandonado na porta de seu lar. Pegou o embrulho com cuidado. Sentiu-o se mover por debaixo do pano. Levou para dentro e o colocou gentilmente sobre a mesa da sala. Seu coração batia cada vez mais rápido.

Começou a desembulhar. Sua enxaqueca foi piorando. Algo parecia terrivelmente errado. Tinha o sentimento de estar na emi-nência de uma tragédia, como andar vendado à beira de um precipício, antecipando a queda a cada passo.

A cada camada de pano que desembulhava, mais angustiado ele ficava. Era como se as formas não fizessem sentido, como se as proporções estivessem estranhamente erradas. Talvez se tratasse de uma criança doente. O pano molhado deveria estar quase o sufocando. Sentiu a urgência de desembulhar o mais rápido possível a criança, mesmo que alguma coisa dentro de si lhe dissesse para não fazer aquilo.

Quando finalmente desvelou a criança, Delfim Soares deu um grito de pavor, que ecoou fantasmagórico pelos corredores escuros da mansão. Havia algo de errado com o bebê.

Na luz difusa, Delfim pôde perceber que a criatura não obedecia a nenhuma proporção humana. Seus membros eram disformes, haviam juntas que não deveriam existir e tumores proeminentes de onde saíam grossos pelos desgrenhados. Seus membros se moviam de forma articulada, lembrando as patas de um inseto.

Não quis acreditar no horror que seus olhos registraram, então retirou a mão do rosto, e ergueu o lampião. Se forçou a virar a

face para enxergar com inevitável clareza a coisa que movia em cima da mesa.

Vista à luz do lampião, o bebê era ainda pior do que a primeira impressão que tivera. Não só seus membros eram desproporcionais e retorcidos, como toda a sua pele era de um tom acinzentado, coberta por pústulas purulentas. Na extremidade dos membros, projetavam-se garras afiadas, a cabeça tinha um formato irregular e o rosto era de uma ruína de elementos tão deformados que mal podia-se distinguir feições humanas além de pequenos olhos desalinhados, que refletiam a luz do lampião num repugnante brilho amarelado.

Ao deparar-se com tamanha miséria, novamente ele gritou, e dessa vez, seus gritos acordaram os que estavam a dormir.

Estava congelado de choque, vendo a criatura mover suas patas sobre a mesa, quando ouviu passos a se aproximar. Sua prima Maria e seu pai Antônio Soares vinham descendo as escadas, ainda nos trajes de dormir, com rostos assustados e segurando lampiões.

Percebendo que havia uma criança sobre a mesa, Maria se adiantou e correu para apará-la. Delfim tentou impedi-la, segurando-a pelo pulso.

— Cuidado! — disse ele, segurando mais forte no braço da prima. — É melhor que você não o veja. Trata-se de uma aberração, uma monstruosidade de ferir os olhos.

Maria se desvencilhou, retirando a mão que a segurava e foi correndo para à mesa.

— É só um bebê, não percebe?

— Não se aproxime daquilo, é horrendo...

— Acalme-se — interviu Antônio — não há nada para se te-

mer. Tudo ficará bem.

Antônio Soares segurou nos ombros do filho.

Delfim observou com angústia enquanto a prima se aproximava da criatura. A mulher afastou os trapos molhados e pegou bebê. Ela sorria para a pequena aberração enquanto lhe embalava nos braços.

Ele ficou horrorizado com a cena.

Maria acariciava e sorria para aquela criança sem demonstrar o menor traço de repulsão. Ela olhava diretamente para a face retorcida do bebê e o acalentava, como se ele fosse uma criança comum. A ternura de Maria fez a criatura se acalmar e cessar o choro. Quando se acalmou, o monstro começou a esboçar um diabólico sorriso de dentes pontiagudos.

— Afaste-se desse monstro! — gritou Delfim.

Tentou saltar sobre Maria, queria arrancar aquela coisa de seus braços, mas seu pai lhe segurou. Antônio Soares era velho, mas tinha muita força, sabia como imobilizar um homem.

— Fique calmo! — apelou Antônio. — Por favor, respire fundo. Está tudo bem. Tudo bem...

Como algo poderia estar bem? Havia um monstro nos braços de Maria. Um demônio. O filho da Tempestade.

O calor da discussão fez aparecerem os criados. Humberto, um criado vigoroso, correu para auxiliar Antônio Soares a segurar o filho.

Delfim se debateu, lutou em vão para se desvencilhar dos homens que o continham.

— Vocês não veem aquilo? Matem aquela coisa! Queimem aquilo!

Quanto mais ele tentava se libertar, mais sentia suas forças se esvaindo. O braço forte de Humberto estava comprimindo seu pescoço. Outro criado lhe segurou pelas pernas, enquanto ele tentava chutar no ar. Sentiu o suor de Humberto lhe molhar o rosto.

— Levem-no para o quarto! — ordenou Antônio. — Vocês sabem como proceder.

Arrastaram-no escada acima. A silhueta de Maria segurando a criatura, agora de costas, foi se perdendo na escuridão.

Ele tinha consciência de suas limitações. Era fraco e sua saúde frágil jamais permitia libertar-se dos braços dos criados. Mesmo assim ele lutou como pôde, tentou sem êxito morder os ombros dos captores, arranhar seus rostos.

— Calma, patrãozinho. Logo logo tudo vai ficar bem.

Humberto continuava a lhe chamar de patrãozinho, mesmo ele já tendo quase vinte anos. Delfim simpatizava com Humberto desde criança, e isso o deixou ainda mais magoado com o que o criado estava fazendo. Lágrimas escorriam em seu rosto, não sabia se de tristeza ou de ódio.

Eles o jogaram para dentro e o trancaram em seu próprio quarto.

— Desculpa patrãozinho, é para o seu próprio bem.

Bateu os punhos contra a porta. Cada batida fazia farpas de madeira entrarem em sua mão. Não havia escapatória. As janelas tinham grades e a porta era robusta. Quando não aguentou mais esmurrar a porta, ele se virou e deixou-se deslizar de costas até chegar ao chão.

O brilho de um raio iluminou o quarto. O estrondo do trovão

fez tremer os quadros na parede. Sem saída, ele chorou sozinho no escuro, enquanto arranhava com as unhas o piso de madeira.

2

Ainda chovia quando o dia amanheceu. Delfim abriu os olhos e deu-se conta de que estava sentado novamente em sua mesa de estudos. Não soube se havia dormido ou simplesmente apagado. No horizonte, um alinhamento azul safira separava o céu nublado da silhueta dos telhados encharcados.

Sentiu dor nas costas e nos braços, coçou as mãos e reparou que haviam surgido novamente as velhas marcas vermelhas ao redor dos pulsos, marcas que circundavam a pele como pulseiras. Aquelas escoriações apareciam vez por outra, normalmente nas épocas em que tinha suas crises de enxaqueca.

Ouviu o som metálico da fechadura sendo destrancada, a porta se abriu com seu rangido baixo. Mesmo sentado de costas para a porta, ele conseguiu reconhecer seu pai pela cadência dos passos, seu inconfundível andar plácido.

— Como está se sentindo, filho?

— Estou melhor. Você sabe, quando tenho minhas dores de cabeça tudo parece ficar mais difícil.

O pai atravessou o quarto e sentou-se na beira da cama. Esticou o braço e pegou o volume de Papéis Avulsos. Ficou a examinar o livro, havia tristeza em seus olhos.

— Filho, você se lembra do que aconteceu ontem à noite?

A tempestade, o visitante encapuzado, o monstro, como poderia esquecer-se de eventos tão intensos como aqueles?

— Onde ela está, a criatura?

— Está com Maria. Neste momento, o bebê está dormindo num velho berço ao lado de sua cama.

— Como isso é possível? — indagou Delfim, levantando a voz e imediatamente sentindo uma pontada nas têmporas. — Ela não se incomoda com a aparência daquela coisa?

Antônio Soares coçava a longa barba branca e desviava os olhos do filho, preferindo se ater a chuva que caía do outro lado da janela. Pai e filho nunca tiveram uma relação mais íntima do que as diplomáticas interações cotidianas. Quando criança, Delfim sonhava em abraçá-lo, hoje, cogitava intensamente apunhalá-lo no peito.

— Filho, sei que você tem um grande carinho por Maria. Também entendo que você detesta mudanças, que elas mexem com sua... com você. Se ela realmente se decidir por adotar a criança e, caso não haja nenhum impedimento legal para tanto, saiba que estou decidido a apoiar a decisão de sua irmã.

Delfim detestava quando o pai se referia a Maria como sua irmã. Eles haviam crescido juntos e era natural que depois de tantos anos de convivência houvessem fortalecido os laços familiares, mas nada mudaria o fato de que eram apenas primos.

— Me responda, pai, como Maria pretende cuidar de um monstro como aquele?

— Não há nada de errado com a forma física do bebê, filho. Trata-se uma criança desnutrida e abandonada, não mais que isso. Deve ter nascido prematura e, por certo, veio de um lar pobre. Com tempo, carinho e cuidados, ela crescerá uma criança saudável e inteligente. Deixe estar.

O velho se levantou e bateu em seu ombro. Era sua maneira maior de demonstrar carinho. Colocou o livro de volta sobre a mesa, ao lado do porta-retratos da falecida mãe, e saiu do quarto cabisbaixo, deixando a porta destrancada no caminho. Parecia esconder lágrimas nos olhos.

3

Passou o dia recluso em seu aposento. Tentou ler, escrever, mas nada lhe prendia a atenção. Não conseguiu comer as refeições que os criados lhe traziam e se pôs a passar as horas caminhando de um lado para o outro no cômodo, tentando entender o que havia acontecido. Não encontrava respostas para o fato de ser a única pessoa a ver um monstro ao invés de um mero bebê. Ficou assim até as oito da noite, quando decidiu enfim sair de seu quarto. Ao atravessar o corredor, ele ouviu vozes e soube que havia uma reunião acontecendo na sala de visitas.

Maria estava conversando com alguns convidados. Entrando naquele cômodo, reconheceu de pronto Helena, melhor amiga de Maria, sentado ao lado de Verônica, uma vizinha. O único homem do grupo era Dr. Thomaz, amigo e médico da família. Ao centro, dentro de um carrinho, estava o bebê, encoberto por um véu.

A conversa foi bruscamente interrompida no momento em que o grupo percebeu sua presença. Maria sorriu para ele e, em seguida, o convidou a sentar-se com os demais. Helena começou a tomar seu chá, evitando olhar diretamente para ele.

O fato de o monstro estar ocultado pelo véu o fez sentir-se

ainda mais angustiado, suava frio, mas tentava parecer calmo na superfície.

Sentado ao lado daquelas pessoas, pela primeira vez duvidou de si. Como todas aquelas pessoas poderiam não enxergar a forma grotesca da criatura? Talvez ele tivesse alucinado. Caso contrário, não estariam aquelas pessoas socializando tão displicentes na presença do monstro. Ainda assim, uma parte de seu ser era impellido para longe do carrinho.

Dr. Thomaz levantou-se para cumprimentá-lo. Perguntou como andava se sentindo. Delfim disfarçou, contou que não estava em seus melhores dias, dissimulando um sorriso cordial.

Distanciou-se do médico e forçou-se a sentar ao lado de Maria. As mulheres retomaram a conversa, falavam num irritante tom de casualidade polida, disparates fúteis, que serviam apenas como pretexto para preencher uma conversa vazia.

— Não é maravilhoso como as coisas acontecem? — disse Helena. — Um presente desses só pode ser obra de Deus, não acham? Bem, é o que eu penso. Foi um anjo quem te mandou esse presente.

— Seja qual for a origem do presente, cuidar de uma criança abandonada é de uma gigantesca responsabilidade — disse Thomaz. — Tanto moralmente, como espiritualmente.

Era notório que a presença de Delfim perturbou o clima ameno da confraternização. Sempre causava isso nos outros. Não era intencional, mas sentia que sua presença tinha o poder de deixar as pessoas mecânicas. Elas sempre o tratavam com diplomacia e distanciamento, pareciam lhe evitar. Esse comportamento há muito deixara de lhe incomodar, pois, se acostumara a ser tratado

daquela forma. *As pessoas sentem-se pouco à vontade na presença de intelectuais*, pensava. Homens reclusos e ricos, aqueles a quem chamavam de excêntricos, os que preferiam dedicar as energias na leitura e na apreciação dos fenômenos da natureza. Por que com ele havia de ser diferente?

Verônica colocou a xícara no colo e pigarreou, então voltou-se para Delfim e o indagou, com o tom de voz casual:

— Maria estava nos contando que foi você quem encontrou o bebê. Pode nos contar como tudo aconteceu?

Havia na pergunta um tom de neutralidade que disfarçava uma crueldade implícita. Delfim a percebeu, e tentou parecer natural, mas antes que tentasse responder, Maria interviu.

— Acho melhor não falarmos sobre isso, Delfim tomou um belo susto quando descobriu o que haviam deixado na nossa porta. Sempre ouvimos histórias sobre casos assim, mas quando acontece conosco, não sabemos como agir.

As batidas do relógio marcaram nove horas. Helena se levantou e anunciou que estava na hora de voltar para casa, Verônica a acompanhou e também disse que precisava partir. Maria se prontificou em acompanhar as duas amigas. Dr. Thomaz aproveitou para também se despedir. Maria se aproximou de Delfim e perguntou se não havia nenhum problema de deixá-lo à sós com o bebê. Ele confirmou com a cabeça, tentou parecer o mais casual possível. Ela lhe beijou a testa.

— Confio em você — disse ela baixinho.

Quanto todos saíram, Delfim se forçou a caminhar até o carrinho, ele deveria olhar, desfazer a impressão errada, encarar a verdade. Deu cada passo com cautela. Sentia-se como um rato

caminhando em direção a uma serpente. Era necessário, tinha que olhar novamente para a criança, tinha que constatar que tudo não passou de uma peça engendrada por sua mente.

Parou em frente ao carrinho. Com movimentos hesitantes ele abriu o véu. A abominação ainda estava ali. O monstro no carrinho estava tão horrendo quanto na primeira vez em que o viu. Ele dormia e movia seus membros num movimento desordenado, como uma barata com as patas viradas para cima.

Delfim colocou a mão na boca para tapar o grito e deu um passo para trás, virou o rosto, pois não queria mais encarar aquilo.

Estava inerte olhando à distância para o carrinho de bebê quando Maria voltou, ela o abraçou e o levou para longe do carrinho, fora da sala de visitas.

— O que foi? Por que você está agindo assim?

Delfim recuperou-se e modulou a voz, tentando parecer falar o mais sensato possível.

— Por que você não percebe que ele é um monstro?

— Não há nada de errado com o bebê — disse ela.

Não lhe restavam dúvidas. Somente ele conseguia enxergar a verdadeira natureza da criatura. Isso fazia dele um amaldiçoado ou alguém imune ao poder das trevas?...

4

Com o transcorrer dos dias, Delfim se limitou a passar quase todo o tempo trancado em seu quarto. Desejava, assim, evitar cruzar com outras pessoas ou mesmo ouvir falar do acontecido. Além disso, ver a criatura nos braços

de Maria, recebendo atenção e cuidados, causava nele um terrível mal-estar. Ouvia as vozes da prima e de seu pai conversando, falando sobre o bebê, debatendo sobre um nome, batismo e os papéis para adoção.

Durante esses dias escuros, em certas ocasiões, Delfim ouvia o som de algo se arrastando pelo corredor, sempre nas madrugadas, quando estavam todos recolhidos em suas camas.

Certa noite, estes barulhos lhe perturbaram tanto o juízo que ele se viu obrigado a levantar-se no meio da madrugada, com o lampião na mão, e foi vasculhar os corredores à procura da origem do som. Saindo do quarto, ele encontrou um pequeno rastro de sangue, que se iniciava pelo corredor e continuava além, escada abaixo, rumo ao interior da mansão. Ele seguiu a trilha, se guiando pelas pequenas poças vermelhas nos cantos das paredes, até se deparar com os pedaços de uma ratazana morta. Tudo que sobrara do animal eram as patas e um pedaço da cauda partida, que fora deixada sobre uma pequena poça de sangue.

Concluiu que o predador havia capturado a ratazana, arrastando-a ainda viva para o andar de baixo, até o pequeno corredor que levava à adega, onde terminou de se alimentar.

Enquanto procurava com o lampião na mão por mais indícios no corredor, veio de dentro da adega o barulho de algo caindo. Foi até a entrada, empurrou a porta que estava entreaberta com as pontas dos dedos, e devagar inclinou o lampião para dentro do recinto. A luz fez algo se mover rapidamente, escondendo-se por de trás das caixas de vinho.

Não havia gatos, cães, aves ou nenhum outro tipo de animal de estimação na mansão. Antônio Soares era severo quanto a isso,

ele sempre dizia: “*Lugar de bicho é no curral, no terreiro, no mato ou no prato*”. O pai havia crescido nas fazendas, no interior severo, nas brenhas, onde a hierarquia dos animais era bem estabelecida. Sendo assim, a coisa que se escondia por detrás das caixas podia ser tudo, menos um animal doméstico. Na mente de Delfim, aquilo só poderia se tratar de uma coisa: a monstruosidade que todos viam como um bebê.

Encostado ao lado da porta havia um esfregão. Ele pisou com força em sua base, partindo o cabo e deixando-o com a ponta afiada como uma lança. Erguendo com a mão esquerda o lampião, com a direita apoiou o cabo do esfregão como se fosse um arpão. Adentrou na adega, pisando com cautela, fechou a porta atrás de si, sem virar o rosto, atento a todos os contornos do ambiente, olhos diligentes a qualquer movimento. Estava preso com a criatura. Sentiu a garganta seca e suor brotou em sua testa. Acabaria ali, naquela noite, daria fim ao tormento, não arredaria o pé sem levar consigo o cadáver do monstro empalado na ponta do esfregão.

Foi em direção a primeira estante, depois passou para a seguinte, uma de cada vez, calmamente. Estava tudo sob controle. Ouvia o som do arrastar e estalar, como as pernas de um besouro se movimentando debilmente sobre o chão de pedra. A cada passo, sentia que acuava mais o monstro. Apertava o cabo do esfregão, sentia o atrito da madeira na palma da mão. Olhou por entre os espaços vazios, a luz do lampião revelando os espaços empoeirados, acoçando a coisa.

De repente, ao atravessar a última estante, algo disparou pelo corredor na escuridão, se meteu entre as caixas e as garrafas va-

zias, derrubando o que havia sobre as prateleiras. Sem hesitação, Delfim se lançou entre as caixas, gritando em fúria, distinguido pouco mais que uma mancha negra em fuga.

A coisa não tinha mais para onde fugir. Delfim atirou o cabo contra o volume que vislumbrou entre as caixas, a lança improvisada cravou-se na coisa, que soltou um grunhido agudo, depois escalou por cima da prateleira e escapuliu para o outro lado do obstáculo, fazendo tombar toda uma estante. Dezenas de garrafas escorregaram de seus nichos e caíram no chão.

Na pressa de alcançar a criatura, ele saltou sobre as caixas e correu para o outro lado do corredor. Estava prestes a contornar o último obstáculo, quando pisou em uma das garrafas caídas e o recipiente se estilhaçou sob seu pé, alguns estilhaços atravessaram a sola fina de seu calçado e penetraram em sua carne. A dor o fez bater com o lampião na quina do móvel, que se apagou, deixando-o completamente no breu. Tentou prosseguir, mas não conseguiu continuar, pois a cada passo o estilhaço entrava mais fundo no pé.

— Maldição! — gritou, enquanto extraía os estilhaços do pé, longos cacos de vidro pontiagudos. O sangue escorreu pela planta do pé e começou a gotejar pelo calcanhar.

A criatura grunhia e arranhava a soleira porta. Suas investidas eram tão violentas que podia-se ouvir lascas de madeira sendo arrancadas na escuridão. Delfim se repreendeu por não ter tirado a chave para trancar a porta pelo lado de dentro. Quando terminou de puxar os cacos de vidro do pé, ele se abaixou e pegou um gargalo de garrafa quebrada para usar como arma. Foi mancando em direção a criatura, se guiando pelos sons das batidas. O mons-

tro continuou seu ataque desesperado contra a porta, arranhando com suas patas e garras, num furor de animal acuado. Ele tremeu ao conceber que teria que lutar contra aquilo, talvez até com as próprias mãos se o gargalo não fosse suficiente. Mas era preciso. Tinha que acabar com o tormento, livrar Maria do monstro, pensar nisto lhe daria a coragem necessária.

A porta se abriu com um rangido e um pouco de luz entrou na adega. A criatura conseguiu escapar. Ele ouviu o som de suas patas correndo pelo corredor em direção ao interior da mansão.

Proferindo insultos, Delfim foi mancando até a porta, apoiando-se nas paredes. Antes de sair, sentiu com as pontas dos dedos os sulcos causados pelas garras da criatura no tampo da porta da adega. Não desistiria da perseguição. Sujo, molhado de suor e vinho, com o pé pingando sangue, ele foi mancando pelo corredor até chegar na antessala, o único caminho que a criatura poderia ter tomado.

Ouviu o som da coisa subindo as escadas, por certo recuando para o quarto de Maria. Estava prestes a tentar disparar em corrida, mesmo com pé machucado, quando uma mão lhe agarrou pelo colarinho, impedindo seu movimento.

— Calma patrãozinho, não faça isso.

— Me solte, miserável! — disse ele — mas antes que tivesse tempo de esboçar reação, a mão forte de Humberto lhe desarmou, retirando o gargalo e jogando-o para o lado.

Tentou se soltar, mas logo desistiu de vencer o criado. Àquela altura, a criatura já havia retornado para o seu refúgio, e mesmo que conseguisse se libertar do criado, o que era pouco provável, nada mais poderia fazer, a coisa havia escapado.

Humberto foi lhe puxando pelo colarinho até a sala, lhe forçou a sentar-se e chamou por uma criada. A criada apareceu desarrumada e nitidamente atordoada por ter sido acordado no meio da noite, tomou um susto quando viu o estado do rapaz, descabelado, com as roupas manchadas de sangue e vinho. Humberto pediu a ela que cuidasse do ferimento. A mulher deu meia volta, demorou alguns instantes, então retornou acompanhada de uma colega, segurando uma bacia com água quente e panos limpos.

Delfim fez menção de gritar quando a criada administrou sulfato de quinina sobre seu ferimento, mas Humberto tapou-lhe a boca, abafando o gemido.

— Shhh... Não faça barulho, ou vai acordar os outros. É melhor para o senhor não acordar ninguém.

Delfim trincou os dentes e engoliu a dor. Humberto tinha razão. Uma vez que fracassou em sua caçada, o mais prudente era manter tudo em segredo. Pensou em indagá-lo sobre a criatura, sobre a trilha de sangue, os pedaços da ratazana morta, mas desistiu. Seria perda de tempo. Obviamente o criado diria que nada vira. A coisa que fugira era apenas um vulto, uma sombra na noite, nada além disso. Delfim pensou em como as sombras estavam comuns naqueles tempos.

— Já mandei limpar a bagunça lá dos fundos — disse Humberto. — O que aconteceu hoje fica somente entre a gente, é melhor assim.

— É melhor assim — concordou Delfim.

Depois disso ele não disse mais nenhuma palavra. Permitiu que lhe enfaixassem o pé, e então retornou para o andar superior com ajuda de Humberto, que lhe deu dois tapinhas nas costas an-

tes de trancá-lo em seu quarto. Delfim caiu na cama, enfurnou-se por debaixo das cobertas e ficou imóvel. Contudo, não conseguiu dormir, pois fervia por dentro.

5

A assombração da criatura lhe perseguia constantemente. Permanecer dentro da mansão o incomodava, pois podia ouvir os choros da coisa e os comentários dos empregados. Sentiu necessidade de tomar um ar fresco e afastar-se, nem que fosse por algumas horas, do ar carregado do interior da casa. Para desfrutar disso, esperou até que todos fossem dormir e desceu até a cozinha. Pegou uma chave sobressalente que ficava escondida dentro de um pote de farinha, e saiu pela porta secreta da dispensa, que dava direto para o jardim dos fundos.

Preferia assim, sair sem chamar atenção. Seu pai detestava que ele abandonasse a proteção rígida das paredes da mansão, dizia que não queria que o filho se expusesse ao sereno da noite, enfatizava que as intempéries fariam mal a seus humores. Delfim já tinha quase vinte anos e se perguntava até quando Antônio Soares continuaria a lhe tratar como uma criança. Ao contrário do que tentavam lhe convencer, acreditava que o ar da noite lhe fazia bem, até mesmo a sua eterna dor de cabeça dava-lhe uma trégua enquanto caminhava entre as sebes do jardim.

Ao passar embaixo da janela do quarto de Maria, ouviu um choro de criança, um grunhido estridente e mórbido. Este som lhe causou arrepios. Através do vidro opaco da janela ele viu acender-se uma luz, um amarelo bruxuleante. Por certo era Maria le-

vantando-se da cama para ir acalentar a aberração que chorava. Sentiu repulsa ao imaginar sua bela prima a segurar nos braços a criatura. Balançou a cabeça em desgosto, e teve que se afastar da janela para escapar da angústia.

Seus passos tortuosos levaram-no até o centro do jardim, onde ficavam as melhores flores. Ele passou a mão sobre os bulbos e sentiu a umidade das pétalas, carregadas com a fina camada de geada da madrugada.

Sentou-se no banco de pedra fria ao lado de uma roseira, e viu uma tesoura de poda sobre as raízes. Ao chão, uma quantidade excessiva de talos e botões recém extirpados. Quando pegou um dos talos e aproximou do rosto para examiná-lo melhor, viu que a planta estava encoberta por um fungo acinzentado que a corroía e desfolhava. Olhou o resto da roseira e constatou que toda ela estava encoberta pela camada do maligno pó cinza.

Delfim deitou-se sobre o banco de pedra. Passou o resto da noite sobre este banco, no relento, ao lado da roseira doente. Por fim, dormiu ouvindo o som da ventania que arrancava as folhas dos arbustos para em seguida pousarem sobre seu o corpo retraído.

Acordou um tanto antes da alvorada, tinha que retornar pela porta da dispensa antes que o movimento da cozinha se iniciasse.

Antes de partir, Delfim pegou a tesoura de poda e a utilizou para recolher uma rosa para si. Tentou encontrar um exemplar livre da doença, porém não conseguiu, todas as rosas estavam contaminadas.

Naquela tarde, ele foi à procura de Humberto e o encontrou na horta colhendo tomates. O criado assustou-se ao perceber que o jovem se aproximava, andando desajeitado entre as abóboras, então disfarçou o espanto com um sorriso desconfiado.

Delfim retribuiu o gracejo com um gesto cordial, tentando parecer apenas levemente interessado no que o criado fazia.

— O senhor vai sujar os pés de lama.

Delfim olhou para os sapatos. De fato, estava parado sobre uma poça, salpicos de lama já lhe sujavam a bainha da calça.

— Com isso eu me preocupo depois, agora tenho uma preocupação maior.

Retirou de dentro da casaca um botão de rosas, e o entregou para o criado. Humberto colocou o chapéu debaixo do braço, pegou o botão murcho e começou a desculpar-se pelo estado das flores, ao que Delfim o interrompeu.

— Conte-me apenas como deu-se isso.

— Patrãozinho, não sei se posso explicar, pois nem eu mesmo entendi completamente o que se alastrou por aqui — disse Humberto. — Todas as manhãs eu examinava as flores e nunca vi vestígio de nenhuma praga no jardim. Mas então, depois daquela tempestade, apareceu esse negócio cinza, foi da noite para o dia. Quando me dei conta, iniciei os cuidados, fiz a poda das partes atingidas e passei veneno no restante das flores. Coloquei fogo nos talos contaminados e separei as roseiras do restante. Desde então tenho me empenhado no combate a essa praga, mas sem

conseguir resultados. É uma tristeza. Toda manhã o pó cinza aparece novamente e os botões murcham.

Humberto colocou novamente o chapéu, não antes de limpar o suor da testa com a manga da camisa.

— Sabe o que vou fazer patrãozinho?

Delfim permaneceu calado, olhando curioso para o homem cujas mãos eram tão grandes que seguravam vários tomates.

— ... a única coisa que se pode fazer nesses casos, arrancar o mal pela raiz. Sacrificar a planta doente para salvar os ramos saudáveis. Não tem outro jeito. De nada adianta ter pena. É assim que se faz.

O criado abaixou-se para pegar o caixote com tomates, o pôs sobre os ombros e caminhou de volta à mansão. Delfim lembrou de como ele o havia carregado escada acima, e como o lançara ao chão na noite da tempestade. Ficou em silêncio, digerindo as conclusões que borbulhavam em sua cabeça. Por fim, ofereceu-se para carregar uma abóbora, mas o criado não permitiu.

— Você tem certeza que a doença começou após a tempestade?

O criado assentiu.

— Em todos esses anos, patrãozinho, nunca vi uma coisa parecida. O que mais me intriga não é nem mesmo a resistência dessa praga, mas o fato de que entre todas as flores, ela está molestando apenas as roseiras. O natural é esperar que uma doença tão terrível como esta se espalhe por todas as flores, e isso me deixou doido de preocupação, mas, até agora, nenhuma outra flor pegou a doença. É de se espantar não acha?

Chegaram à entrada dos fundos na ala dos serviçais, por onde

o cheiro da cozinha se alastrava para fora. Humberto pareceu ter notado a aflição nos seus olhos e compreendeu que algo estava se revolvendo dentro daquela alma. Então, colocou o caixote no chão e se aproximou de Delfim, como que para lhe confidenciar um segredo.

— Escute patrãozinho — disse Humberto, num tom monótono e grave. — Nunca conversamos muito, mas acredito que você seja uma boa pessoa. Eles querem que você acredite que o que fazem com você é para o seu bem, mas acho cruel lhe tratarem dessa forma. Não permita que eles lhe tratem assim.

Então o jardineiro pegou suas coisas e entrou, sumindo entre os vapores da cozinha.

7

A doença nas roseiras e a chegada do monstro não podiam ser apenas coincidências. Ambas vieram com a tempestade e havia nelas algo mais que as conectava, uma perversidade intrínseca. Em inúmeras ocasiões, ele observou por tardes inteiras enquanto Maria lia seus livros de poesia, sentada no banco de pedra ao lado da roseira. Sempre com os vestidos de primavera, com os cabelos soltos e uma tranquilidade no semblante. Ao término dessas sessões, trazia consigo um botão de rosa e o levava para seu quarto, onde o colocava dentro de um copo com água sobre o parapeito, a enfeitar a janela.

Quando se reuniam para o jantar, Maria costumava comentar sobre a roseira, anunciando que vira os botões que estavam brotando e como haviam de ser promissoras as rosas que vingariam

na próxima estação. Aguardava ansiosamente que Antônio Soares cumprisse sua promessa de construir uma estufa ao lado do jardim principal. O velho pedia por paciência, dizia que após as chuvas mandaria buscar no porto a armação de ferro fabricada no Rio de Janeiro e os vidros europeus. Qual não foi a sua surpresa quando, na ocasião em que foi informada por Humberto sobre a praga que destruiu as roseiras, viu a prima simplesmente suspirar, dar de ombros, e fazer um breve comentário de desgosto, agindo como se a destruição de suas flores preferidas não passasse de um mero aborrecimento. Agora, toda sua afeição era destinada exclusivamente ao monstro. Passava noites acordada a acalantar a criatura, perdia fios de cabelo preocupada com a possibilidade de cessar o leite que as criadas traziam.

Como que para aumentar o seu desgosto, Maria já tratava o monstro como se fosse filho seu, e todas as suas amigas comentavam como ela estava se saindo bem nesta tarefa de ser mãe. A enalteciam, dizendo que havia nascido para maternidade e que mal esperavam que Maria encontrasse um marido para poder dar a ela um filho de seu próprio sangue.

Intimamente Delfim desejava que isso fosse mesmo verdade, aquele que desposasse a prima, seria um homem de sorte, teria ao seu lado a mulher mais bela de toda província, moça educada e fina. Para ele, a felicidade plena da prima era questão de tempo. Bastava o velho bater as botas, e no mesmo dia, ele mesmo mandaria buscar os ferros e vidros para construírem a sonhada estufa. Tornando-se ele a autoridade maior da família Soares, poderia oferecer a Maria uma vida confortável e feliz, como ela jamais sequer imaginou. Viveriam na mansão, sem pressões da sociedade,

sem cobranças de nenhuma ordem superior, apenas do jeito que melhor lhes conviesse. Reviveriam os tempos de infância, quando eram como carne e unha, felizes somente por compartilharem a presença um do outro. Juntos, novamente os dias sombrios ficariam para trás.

O velho não duraria muito. Antônio Soares vivia como se jovem ainda fosse, cavalgava léguas, transitava entre os peões, dormia na estrada, visitava as fazendas por dias à fio, às vezes até comia nos alojamentos na companhia dos empregados. O pai vivia a lhe dizer que era preciso estar sempre perto de suas terras, que somente sua presença fazia as coisas andarem como deveriam. Quando voltava para a mansão, não se demorava, despachava seus papéis e, tão logo a tinta secasse sobre os documentos, retornava para meio do mato. Apesar de seu aparente vigor, nada mudava o fato de que Antônio Soares era um homem velho e, como todo velho, estava sujeito a sofrer acidentes. Uma mansão pode ser cercada de armadilhas para um homem idoso, Delfim pensou e sorriu.

Deixou esses devaneios de lado, afinal, o destino do pai podia esperar. O que realmente o inquietava era a presença do monstro. A medonha criatura era o que o estava separando de Maria, e esse empecilho precisava ser sanado.

8

A chuva havia retornado e aquele foi outro dia sombrio. Antônio Soares estava ausente, saíra para resolver problemas na fazenda de cacau do outro lado do vale. Al-

guns criados partiram com ele, e por isso a casa estava mais vazia. Isso não era bom, com menos gente, a casa ficava mais quieta e com o silêncio instaurado era mais fácil ouvir os choros da criatura vindo do quarto de Maria, como um cântico profano emanando das profundezas.

Estava no escritório de seu pai, esperando pela visita do Dr. Thomaz, sentado na austera mesa de carvalho, no lugar de onde o pai despachava as ordens, no qual tinha o poder de comandar a vida de centenas de trabalhadores, apenas com tinta e papel.

Retirou a caneta do suporte e ficou a examiná-la, era um instrumento de luxo que tinha a ponta de ouro e o cabo de marfim. Puxou uma folha do bloco e escreveu o nome de Maria. Os dois dividiam o mesmo sobrenome. Começou a desenhar o rosto da prima, tinha talento para isso, gostava de representá-la com os cabelos soltos e com o vestido azul, o mesmo que ela costumava usar nas tardes em que cavalgavam juntos pela trilha do engenho velho. *Isso fazia tempo.*

A voz do Dr. Thomaz surgiu vinda do corredor. Quando a porta do escritório se abriu, Delfim riscou o desenho, amassou o papel e o jogou no cesto. Guardou a caneta no bolso da camisa. Dr. Thomaz entrou e colocou sua maleta sobre a mesa, fez uma piada sobre como o tempo andava péssimo, e apertaram as mãos.

— Então, qual é o problema?

Delfim desabotoou os punhos da camisa, arregaçou as mangas e mostrou os pulsos para o médico.

— São aquelas velhas feridas. Começaram a reaparecer. Dessa vez, acho que estão piores do que nunca. Deve ser aquele meu velho problema de pele.

O médico colocou os óculos e examinou as chagas, manchas roxas e vermelhadas ao redor dos pulsos. Em seguida, olhou os cotovelos, o restante do braço, língua, garganta e olhos.

— E as dores de cabeça?

— Como sempre.

Delfim sentiu uma inquietação vinda do médico. Dr. Thomaz virou-se e começou a guardar as coisas de volta na maleta, parecia apressado.

— Então? O que tenho?

Dr. Thomaz fez uma pausa, olhando de um jeito frio para o rapaz.

— Não há nada de errado com a sua pele — disse ele — seu problema é outro. São seus humores. Essas úlceras cutâneas se originam da extenuação do seu ânimo. Conte-me, caro rapaz, existe algo que esteja lhe perturbando?

Os olhos de Thomaz esquadrinharam sua expressão, buscavam algo, ver através da carne. Delfim desdobrou as mangas, deu as costas enquanto abotoava os botões da camisa.

— Nada que me venha a mente.

— Nem mesmo com relação ao bebê que Maria adotou? A chegada de um recém-nascido muda a rotina de qualquer casa, mesmo de uma casa tão grande quanto esta.

Delfim sentiu a pressão pinçando seus nervos. Limitou-se a manear a cabeça como resposta.

— Por hora, minha única recomendação é repouso. Continue a tomar seus remédios, evite perturbações a qualquer custo, que tudo ficará bem.

Como se estivesse a espera da oportunidade, um choro de

bebê surgiu abafado, vindo do andar superior. Os homens se entreolharam. Demorou alguns minutos até que Maria surgisse no escritório, estava com o semblante cansado, o que ficava ainda mais nítido graças às manchas escuras ao redor dos olhos.

Maria cumprimentou o médico, ao que Thomaz dedicou total atenção, praticamente esquecendo-se da presença de Delfim. Ele reparou em como o médico empertigava-se, devolvia um sorriso largo para cada palavra que Maria proferia, chegou até a pôr a mão sobre o ombro dela.

A pedido de Maria, subiram os dois para examinar o monstro. Saíram a conversar amenidades, deixando-o em pé no meio do escritório, como se fosse uma estátua de mármore. Enquanto subiam as escadas, davam risinhos e trocavam olhares. Delfim sentiu algo molhar a pele por dentro da camisa, foi quando percebeu que a caneta que havia colocado no bolso havia estourado. As pontas dos seus dedos estavam pretas, sujas com tinta viscosa.

9

A inquietação causada pelo fato de não conseguir compreender o porquê das demais pessoas não enxergarem a forma real da criatura o fez recorrer a longas sessões enfiado na biblioteca. Permaneceu dias inteiros isolado entre as estantes, inquieto e evasivo, ainda mais irascível do que de costume. Os empregados passaram a lhe servir as refeições sobre a mesa de estudos, no centro do amplo cômodo, entre pilhas de livros empoeirados e papéis rabiscados.

Uma noite, estava ele sozinho na biblioteca caminhando sob a

luz de candelabros, quando encontrou um velho tomo, esquecido sobre a prateleira da última estante, embolorado e com as páginas inchadas pela umidade. Delfim ficou imediatamente animado com a descoberta.

O livro era encapado com couro velho, enrugado, e não havia identificação em sua lombada, contava apenas com um símbolo de uma serpente com três cabeças em sua capa. O tomo tinha vindo do Oriente, mas estava escrito em um francês arcaico. Na leitura preliminar, constatou que se tratava de um livro de investigação das práticas de bruxaria medieval.

Com muita paciência, Delfim traduziu para o português uma peculiar passagem que lhe saltou aos olhos, intitulada “O presente das Trevas”, que em poucas palavras, descrevia um antigo costume da seita do demônio Baal, uma artimanha oriunda das antigas artes do Levante.

“Resgata-se de dentro da sepultura um filho abortado, indesejado, combalido por deformidades ou doença vinda do ventre, ainda no frescor do sangue. A este indesejado será entregue o prodígio da animação, ‘post mortem’, através do sacrificio de outra criança saudável. Deve-se enterrar as duas crianças, a morta e a viva, dentro de um caixote de madeira, selado com a insígnia do Deus bicorne, untado com leite de cabra e azeite, numa terra profana, de fossa fétida e pantanosa. Com o passar dos dias, dentro da escuridão do caixote, o indesejado dá-se a sugar a vida do saudável, roubando-lhe o sopro vital e adquirindo a reanimação. Ao fim do sétimo dia, sob a bênção da noite, desenterra-se o caixote da fossa. Ao abri-lo, encontrar-se-á o abortado a respirar e se mover, ao lado da carcaça esvaída do outro; o sacrificado. Essa nova criatura, que não está nem viva nem morta,

mas rasteja no limiar dos mundos, exilado da luz, será o meio para envenenar a fonte. Fornecida as devidas condições, ela crescerá e se desenvolverá continuamente, assim como fez dentro do caixote, debaixo da terra, absorvendo para si o ânimo e a lucidez dos que lhe estão próximos. Aos olhos comuns, parecerá e se comportará como qualquer criança humana, e sua verdadeira face somente se desvelará aos loucos, aos santos e aos condenados.”

Quando terminou de copiar essas palavras para seu caderno, desabou sobre a cadeira e passou as mãos no cabelo, esquadrihando com os olhos os cantos das paredes, sabendo que um horror inominável habitava sob o mesmo teto.

A explicação estava sobre a mesa, restava encontrar o culpado. Alguém imbuído de espírito maligno o havia condenado com um Presente das Trevas.

No mesmo instante veio à sua mente a imagem do Dr. Thomaz acariciando a mão de Maria, enquanto conversavam no jardim, numa tarde nublada. Há muito Delfim vinha captando os gestos de interesse do médico, as visitas descabidas, o interesse supérfluo. Aquele patético disfarce de amizade não mais o enganaria. Thomaz era sempre recebido como um grande amigo e vinha fazendo visitas constantes à mansão, sempre se fazendo presente. Pouco a pouco entrando no seio familiar, se aproximando intimamente da Casa dos Soares.

Como que para lhe arrancar deste devaneio, ouviu um barulho vindo do saguão leste. Delfim saiu da biblioteca e foi até ala de serviços. Desde o incidente na adega, permanecia com atenção redobrada toda vez que caminhava pela mansão à noite. Olhava atentamente para os cantos de parede, para as sombras angula-

res, esperando encontrar o próprio demônio escondido a cada vez que dobrava um corredor. Seu pé ainda doía, deixando ainda mais viva a lembrança da malfadada perseguição.

Chegando à cozinha, viu no chão um filhote de coruja que tentava alçar voo, batendo desengonçadamente as asas, fazendo desprenderem plumas brancas a cada tentativa, que pairavam no ar ao redor dos móveis. A janela da cozinha, que ficava sobre a pia, estava entreaberta e havia algumas penas presas entre as dobradiças de metal.

— Então, foi por aí que você entrou.

De repente, quando ia abaixar-se para apanhar a ave, um ruído mórbido se elevou por baixo da mesa. Havia um vulto de forma não definida, lentamente se movendo por debaixo do móvel. Delfim se deteve. Sentiu o ritmo das batidas do seu coração se elevarem. Abaixou-se para ver melhor e, com muita calma, apoiou os joelhos no chão. Curvou-se para olhar a coisa debaixo da mesa, ainda mantendo uma distância segura do que quer que estivesse se esgueirando ali.

No escuro, tudo o que viu foram dois olhos amarelos, desalinhados e grotescamente separados. A coisa emitiu um som aterrador, uma espécie de rosnado, que soava como o som de vermes se arrastando para fora da catacumba.

O filhote de coruja, como se antevendo a ameaça que lhe espreitava, começou a bater as asas com maior vigor, tentando fugir daquele local estranho. Foi quando a coisa que estava debaixo da mesa avançou e o agarrou, com a agilidade de um predador, arrastando-o para as sombras debaixo do móvel.

Após agarrar a ave, houve um barulho de rasgar seguido de

pequenos estalos. A corujinha ainda conseguiu chiar por alguns instantes, mas logo seus apelos cessaram, e tudo que restou foi o barulho da coisa a mastigá-la, num ranger agonizante de ossos sendo triturados e um arfar de sucção produzido pelo sangue sendo consumido por entre os lábios horrendos.

Mantendo-se calmo ele ergueu uma cadeira e a levou para junto da porta da cozinha, então usou o móvel a fim de bloquear aquela saída. Após isso, passou para o outro lado do recinto e fez o mesmo com a porta que dava para a passagem externa. Aquelas duas portas não possuíam trancas, por isso jogou necessário a estratégia. As cadeiras eram de Madeira de Lei, postas contra as maçanetas serviriam como travas. Sabia que isso não seria suficiente para impedir a fuga do monstro, pois lembrava-se bem da força demonstrada por ele na porta da adega. Entretanto, as cadeiras teriam o propósito de retardar a criatura, impondo um obstáculo a mais numa provável fuga.

Do lado de fora, a tempestade foi tomando volume, os pingos de chuva batendo com mais força nas janelas de vidro, os ventos agitando as arvores do recanto.

Havia uma faca de cortar carne sobre a pia. Ele pegou o utensílio e passou a ponta do dedo sobre o fio da lâmina. O monstro continuava debaixo da mesa, a mastigar e lambe, emitindo seus sons repugnantes enquanto terminava de se alimentar na escuridão.

Delfim colocou a palma da mão por debaixo do tampo da mesa, e num só movimento, virou o móvel, desalojando a criatura de seu esconderijo, revelando-a para a luz do candelabro. A imagem da criatura lhe atingiu nos nervos. Estava encolhida no

canto oposto, com sua boca deformada e molhada de sangue, na qual havia plumas presas entre os dentes tortos e pontiagudos. Em suas patas, jaziam os restos do filhote de coruja.

Ao perceber o brilho da lâmina na mão do homem, o monstro o ameaçou mostrando as presas, numa declaração ostensiva de ameaça, então, veio se arrastando em sua direção, lentamente preparando o bote.

Delfim sentiu um calafrio descendo-lhe pela espinha, o monstro parecia ainda mais aterrador à luz das velas. Afastou as pernas, segurou com força a faca e esperou pelo ataque, convencido que desta vez não haveria hesitação. Não poderia tolerar nenhum movimento em falso e não se perdoaria se a deixasse escapar novamente. Suas mãos tremiam.

A coisa desembestou com violência partindo para cima dele.

De repente, houve um estrondo, o recinto todo se iluminou num clarão azul que o deixou cego por alguns segundos. A janela explodiu e pedaços de vidro começaram a cair por todos os lados, numa confusão caótica de barulho e luz. Delfim sentiu algo lhe empurrando, rasgando-lhe a camisa, como se o mundo desabasse ao seu redor. Custou-lhe alguns instantes para que se desse conta do que havia acontecido.

Um raio fustigou a árvore do recanto, partindo-a ao meio, causando faíscas e fazendo um imenso galho cair sobre a janela. Essa tora entrou recinto adentro e por pouco não lhe trespassou o abdômen, lhe derrubando e destruindo todos os móveis no caminho. Quando seus olhos voltaram a enxergar, ele viu a tora de madeira atravessada no meio da cozinha, a chuva entrava pelo buraco na janela, e notou que a faca havia escapado de sua mão.

Tentou se levantar, sacudindo vidro moído e lascas de madeira de cima de seu peito, procurando pela arma. Finalmente a encontrou entre pedaços de vidro, a pouca distância de suas mãos, porém, quando tentou se esticar para pegá-la, se deu conta que um dos galhos havia caído sobre ele, deixando-o preso pelo calcanhar. Ouviu sons de passos vindo do interior da mansão, eram os empregados a se aproximar, vindo investigar o estrondo na cozinha. A maçaneta da porta virava e rangia, e Delfim se deu conta que as duas entradas estavam bloqueadas.

Batidas na porta. Vozes chamavam seu nome, Delfim clamava por ajuda. Desarmado e preso, ele sentiu pavor ao virar para o lado e ver a criatura se arrastando em sua direção. Ela se aproximava pisando com suas patas sobre os cacos de vidro, por debaixo da tora, fitando-o com seus desalinhados olhos amarelos, ameaçando-o com suas presas pontiagudas.

Socorro! — ele gritou, puxando a perna para tentar soltar-se.

Continuou a chamar pelos empregados, clamando por ajuda, enquanto a criatura chegava mais perto.

Gritou novamente, desta vez de dor, quando o monstro enfiou a pata pontiaguda em sua perna. Sentiu o sangue escorrendo por debaixo de sua panturrilha. O monstro começou a emitir um grunhido gutural, o que Delfim entendeu como uma espécie de sorriso diabólico, e isso o fez sentir os nervos inflamarem, pavor e ódio se acumulavam no fundo de sua garganta.

— Estou preso!

As pancadas na porta foram ficando cada vez mais fortes e ele reconheceu a voz de Humberto a lhe chamar. A cadeira começou a ceder. Como se tivesse compreendido plenamente a situação, o

monstro retirou sua pata da perna do homem — que fez espirrar sangue — e recuou para longe. Houve mais um forte empurrão, a cadeira já estava à ponto de partir, as vozes do outro lado foram ficando mais numerosas.

— Vamos! Mais uma vez! — e outra pancada fez a cadeira ceder mais um pouco.

Delfim observou pasmo como a criatura escalou sobre a tora, numa habilidade assombrosa, e foi se evadindo para fora da cozinha, passando pelo buraco da janela e escalando pelo lado de fora da mansão, com suas patas de inseto, mesmo sob a chuva.

De supetão, a porta finalmente se abriu e a cadeira que a bloqueava foi lançada ao longe. Surgiram Humberto, Maria e mais alguns empregados que foram direto ao seu auxílio. As mulheres cataram os pedaços de vidro de seu peito, Maria ficou a lhe acalmar, passando as mãos em seus cabelos, enquanto os homens faziam força para erguer a tora e libertar seu tornozelo.

Havia se instalado o caos. Maria chorava, criados passavam correndo de um lado para o outro. Quando finalmente conseguiram o libertar, carregaram-no nos braços para o salão principal e o puseram na poltrona de descanso.

— Quando você saiu, olhou para o berço? — indagou ele à Maria, enquanto um empregado retirava com cuidado os seus sapatos.

A prima demorou alguns instantes para compreender a pergunta.

— O que você está insinuando?

— O berço estava vazio, não estava? — continuou Delfim, com olhar febril. — Quando o raio lhe acordou, você foi corren-

do olhar o bebê, mas ele não estava lá, não é?

Maria permaneceu calada, com expressão abertamente indignada.

— Vou mandar chamar o Dr. Thomaz — disse ela. E foi saindo para falar aos empregados, limpando com um lenço o rosto úmido.

Enfurecido, ele soergueu-se e puxou Humberto pela barra da camisa.

— Suba lá e olhe dentro do berço! A coisa... O bebê vai estar lá, disso não tenho dúvidas. Você verá que a janela está aberta, e que o berço está molhado. Vamos! O que você está esperando? Isto foi uma ordem. Obedeça criado! Suba lá e prove-me que estou errado — nesse momento Delfim começou a tremer com espasmos involuntários. — A coisa pode escalar as paredes, como uma aranha. O berço está molhado, não é mijo, é água da chuva... O monstro... Provem-me que estou... O presente das Trevas... O visitante noturno... — começou a se contorcer, gargalhando e gritando. Humberto teve que imobilizá-lo. Repetia palavras sem nexos, soluçou e começou a chorar.

Viu de relance imagens desconexas, mãos cuidando do ferimento na sua perna, derramando um líquido branco sobre a ferida, o ardor, as ataduras, Maria conversando com um homem alto de capote preto. O visitante noturno, aquele que trouxe o presente das trevas. Viu o pequeno monstro a agarrar o seu tornozelo, os dentes pontiagudos lhe entrando na carne, lhe rasgando a pele, devorando suas vísceras como uma ratazana, lhe estraçalhando, assim como fizera com o filhote de coruja. Depois disso não viu mais nada.

Acordou em seu quarto. Estava com a perna enfaixada e sentia um gosto amargo na boca. Seus punhos doíam, não sabia quanto tempo ficou desacordado nem o que dissera nas horas de delírio. Pensou que estava perdendo a batalha e sentiu-se minúsculo, ínfimo, como um inseto sob a sola de um sapato, na eminência de ser esmagado.

10

Os dias transcorreram e a escuridão se alastrou por sua mente. Mesmo cercado por todo luxo e assistência, sentiu-se o mais miserável dos homens, pois via-se como um prisioneiro dentro de seu próprio lar, um canário numa gaiola de ouro. Não mais saía de seu quarto depois do entardecer, parou de fazer a barba, reduziu a quantidade de banhos, usava sempre a mesma roupa amarrotada e tratava os criados com hostilidade. Às vezes, quando não saía de seu quarto para o almoço e vinham lhe trazer a refeição à porta, arrancava a bandeja das mãos da empregada, para em seguida atirá-la andar abaixo, fazendo estraçalhar as porcelanas nos degraus da escada. Passou a ter pesadelos constantes, sonhava com o monstro, ouvia o choro da criatura, como o lamento de uma besta agonizante.

Todo esse sofrimento era multiplicado por dez sempre que encontrava animais mortos pela casa. Ratos com as barrigas rasgadas, pombos parcialmente devorados, cantos de paredes com marcas de arranhões onde antes não havia nada. Uma vez deparou-se com um gato morto próximo a porta de seu quarto. O felino estava com a barriga rasgada e suas vísceras estavam au-

sentes da cavidade abdominal. Sobre esses inconvenientes, tudo que se comentava era que deveria existir algum animal selvagem, que entrava na mansão por alguma brecha de janela ou fenda no telhado, e que dedicava-se a matar todos esses bichos durante a noite. Quando ouvia essas conversas tolas, ria com cinismo na cara dos empregados, e comentava como eles eram cegos por não enxergarem o verdadeiro mal que espreitava na escuridão.

Se aquele monstro estava matando ratos na calada da noite, o que não seria capaz de fazer quando estivesse maior e mais forte?

Desejava intensamente dispor de uma arma, um mero revólver, mas não havia sequer uma única espingarda de caça dentro da mansão, já que armas de fogo eram terminantemente proibidas por ordem expressa de Antônio Soares, que se dizia um cristão fervoroso e um pacifista convicto. Delfim pensava que a postura do pai era de grande hipocrisia, pois dezenas de jagunços trabalhavam nas fazendas da família, e como é comum à esta classe de gente, tinham todos as mãos sujas de sangue. Certa vez, dois ou três anos atrás, tentou encomendar um revólver às escondidas com um criado. O plano deu errado quando, no meio de uma cachaçada na venda da vila, o criado deu com a língua nos dentes, e se gabando dos dois mil réis que ganharia com a venda da arma, pagou aos companheiros várias rodadas de bebida. Não demorou até que a história chegasse aos ouvidos de Antônio Soares, que despachou o infeliz de imediato, com uma mão na frente e a outra atrás e fazendo-o agradecer por seu castigo ter se limitado apenas a uma surra de vara. Depois desse episódio, nenhum criado se dispôs a sequer lhe trazer os jornais da vila.

Aquela abominação tinha que ser destruída, e não seria a falta

de um revólver que o impediria de cumprir a obrigação moral de defender aqueles a quem amava. A cada dia, observava Maria definhando, ficando mais triste, mais pálida. Por quanto tempo mais poderiam continuar contando com a sorte?

No domingo, Antônio Soares e Maria levaram o bebê para vila para ser batizado. Isso deu a Delfim a liberdade de andar novamente pela casa sem se preocupar em cruzar com a criatura. Não deu importância ao sacrilégio de levarem aquela coisa para adentrar na casa de Deus, recusava-se até a saber qual nome haviam escolhido para ele, o fato de pensar naquela abominação como um ser humano era uma afronta por si só ao reino do céu.

Entrando no quarto de Maria, Delfim sentiu o coração pesar no peito. Era ali que a pessoa que ele amava dividia o leito com uma criatura das trevas. Foi até a penteadeira, deslizou sua mão sobre um par de luvas, pegou uma escova embaixo do espelho, com fios de cabelos castanhos presos a ela, e ficou a admirá-la. Foi para perto da cama e viu sobre a mesa de cabeceira um retrato de sua mãe. Era uma cópia igual a fotografia que ele tinha em seu próprio quarto, a qual deixava sobre a mesa de estudo para lhe confortar nas horas de agonia. Por fim, sentou-se na cama e sentiu o toque suave dos lençóis de seda.

Inclinou-se sobre a cama, colocou o rosto sobre o travesseiro, fechou os olhos e sentiu o perfume entrando por suas narinas. Um perfume fresco, doce e suave, tão fino e delicado quanto a própria prima. Quando abriu os olhos novamente, percebeu algo que chamou a sua atenção. Estava sobre os lençóis, perto de sua cabeça. Ele se aproximou e passou as pontas dos dedos sobre a superfície do tecido, retirando uma pequena camada viscosa de

coloração acinzentada.

Ele estremeceu, a doença das roseiras havia alcançado o leito de Maria. Não haveria muito mais tempo. Tinha que ser feito, e logo.

11

Naquela noite, Delfim esperou até que todos fossem dormir, foi até a cozinha e saiu pela porta da despensa, como tinha o costume de fazer, usando a chave escondida no pote de farinha. No galpão de ferramentas que ficava ao lado do jardim, recolheu uma tesoura de poda, inspecionou o instrumento e constatou que as lâminas estavam devidamente afiadas. Então, retornou para dentro da Mansão carregando-a consigo, pisando firme e determinado. Estava seguro quanto a escolha do instrumento, era o objeto correto para lidar com a situação.

Subiu as escadas, reparando como a noite estava calma. A chuva que caía era amena, pouco mais que um sereno.

Deve haver geada pela manhã, será um dia frio.

Parou em frente a porta do quarto de Maria e colocou o ouvido contra a porta. Não havia som algum, por certo ela estava dormindo. Ele colocou a mão na maçaneta e começou a puxá-la, rezando para que a porta não estivesse trancada. Do contrário, não teria outra opção além de abortar o plano, devolver a tesoura ao galpão, retornar ao seu quarto e esperar pela noite seguinte, para então iniciar uma nova tentativa. Conviver por mais um dia com um monstro, quem saberia o que poderia acontecer nas

próximas vinte e quatro horas?

Para seu alívio, a maçaneta desceu até o final e ele ouviu o estalar do trinco se abrindo. A porta rangiu baixinho e ele entrou com calma, medindo bem cada passo.

Como era de se esperar, Maria dormia, num sono profundo, aproveitando os breves intervalos de sossego que dispunha, estirada pela cama, com a ponta de seu lençol branco pendendo para fora e encostando no chão. Ao seu lado, perto da janela, estava o maldito berço. As cortinas entreabertas permitiam que um pouco da luz do luar iluminasse o quarto, colorindo o ambiente com um brilho azulado de uma noite de inverno.

Pisando com cautela, Delfim andou até o lado da cama de Maria. Ela dormia tranquilamente, tão bela quanto um anjo. Delfim sentiu por ela. Será que um dia ela compreenderia que o que ele estava prestes a fazer era um profundo gesto de amor?

Convencido que a prima dormia em um sono profundo, ele acariciou o seu rosto. Passou as costas dos dedos sobre sua bochecha, sentindo a delicadeza de sua pele. Ao lado, o véu sobre o berço balançou.

Ele ficou parado em frente ao berço, vendo o movimento ondulante do véu que cobria a criatura. Sem tirar os olhos do berço, abriu um pouco mais as cortinas. Retirou o véu, e viu a coisa embrulhada em seus panos de dormir. A luz da lua incidiu diretamente sobre o berço, revelando o monstro no seu interior.

A única coisa que se pode fazer nesses casos é arrancar o mal pela raiz. Sacrificar a planta doente para salvar os ramos saudáveis. Não tem outro jeito. De nada adianta ter pena.

É assim que se faz.

Delfim segurou a tesoura com as duas mãos, e como uma adaga, a ergueu sobre a cabeça. Ficou com os braços em riste, respirando fundo, o peito subindo e descendo, com todo o ódio do mundo sendo bombeado de seu coração para a extremidade de seus braços.

A criatura abriu os olhos odiosos e começou a encará-lo. De dentro de sua boca saiu uma língua comprida e viscosa, bifurcada como a língua de uma serpente, que se projetava para fora movendo-se em ondas. Delfim viu a expressão no rosto do monstro, que começou a sorrir para ele, com sua fileira de dentes pontiagudos e irregulares. O monstro o desafiava a tomar uma atitude, como um demônio, lhe escarnecendo com os olhos.

Delfim não mais conseguiu controlar o impulso e desferiu o golpe, fazendo as mãos caírem como um martelo, perfurando o coração da criatura num furor de tamanha violência que a lâmina trespassou a criatura, chegando até a madeira do berço.

A coisa começou a grunhir, num som gutural e cavernoso. Delfim, tomado num frenesi, desencadeou vários golpes contra a criatura, perfurando e retalhando o seu corpo, fazendo saltar ao ar pedaços de tecido junto com nacos ensanguentados de carne.

Maria acordou em desespero, gritando de horror, e num átimo, se jogou sobre o agressor, tombando um sobre o outro e derubando o berço. Na queda, o corpo da criança rolou pelo chão, deixando um rastro de sangue quente pelo piso do quarto.

Delfim retirou Maria de cima de seu corpo e sentiu algo a lhe molhar as palmas das mãos. Ele a pôs de lado, deitando-a com carinho, sentindo o corpo da prima rígido, contraído de dor. Uma mancha vermelha foi se avolumando no ventre da mulher, Del-

fim olhou para as próprias mãos, estavam sujas de sangue. Voltou a vista para a prima, e viu a tesoura cravada em seu abdômen.

Desesperou-se. Arrancou a tesoura do ventre de Maria. Quando o objeto saiu, um jato de sangue espirrou sobre ele, um sangue quente e escuro, em profusão.

Em prantos, Delfim abraçou-se ao corpo da prima. A mulher, com suas últimas forças, vertendo sangue pela boca, tentou inutilmente se soltar do seu ofensor. Por fim, esticou os braços e voltou os olhos em direção ao cadáver da criança.

Ele sentiu o seu coração congelar dentro do peito. Maria morreu em seus braços, olhando para o bebê, com lágrimas nos olhos vidrados.

Passos apressados surgiram. Era Antônio Soares, acompanhado de alguns criados, irrompendo quarto adentro. Quando viu a cena, o velho foi tomado de desespero. Empurrou o filho e agarrou-se ao corpo de Maria, se prostrou, e começou a arrancar da cabeça os poucos cabelos brancos que ainda possuía.

Antes de ser arrancado da cena do crime, aos gritos e supetões, Delfim olhou fixamente para o motivo de seu tormento. Com horror, ele viu o corpo da criança se transfigurando lentamente, mudando para uma forma angelical e pura, de traços tranquilos e cor cálida, apesar das terríveis feridas.

Foi carregado por um homem forte, provavelmente Humberto, não soube ao certo, pois estava em demasiado choque para ter certeza de algo, já que encontrava-se num domínio novo, fora da realidade. Entretanto, a última coisa que viu foi o corpo de um bebê perfeitamente normal, assassinado na calada da noite.

Enquanto era arrastado para longe, viu o rosto das emprega-

das em choque, muitas com a mão a tapar a boca, sem acreditar no que estavam presenciando. Gritos e choros surgiram, ecoando pelos corredores. Em certo momento, sentiu punhos a lhe golpear, pancadas em seu rosto e nas costas, mas estava tão perdido no abismo interior, que nenhum desses golpes parecia lhe atingir. Levaram-no carregado para o seu quarto. Ele não resistiu.

— É um assassino! — gritou alguém.

— Finalmente enlouqueceu! — gritou outro.

Sobrou-lhe um pouco de lucidez para reparar que a tempestade havia cessado completamente.

Foi amarrado à cama, colocaram-no uma mordaça e sentiu a pele sendo furada quando o injetaram um sedativo. Então o mundo foi ficando cada vez mais escuro. Apagou ouvindo os gritos do pai e por um momento teve um lampejo de lucidez, mas, como se soprassem uma vela, tudo se apagou e ele retornou para as trevas.

ENTREVISTA COM O PACIENTE - 337

Com notas posteriores do Dr. A. C. Medeiros

PSIQUIATRA — Como você está se sentindo hoje?

P.337 — Bem, apesar de não estar conseguindo dormir direito. A cama é dura, e tem aqueles bichos...

PSIQUIATRA — Nós já conversamos sobre isso antes, não existe nenhum ninho de corujas na janela do seu leito.

P.337 — As corujas são espertas, elas fogem quando alguém procura por elas.

PSQUIATRA — Você quer conversar sobre o dia de hoje? Tem alguma coisa que julgue importante compartilhar?

P.337 — As corujas estão atrapalhando o meu sono.

PSQUIATRA — Alguma coisa *além* disso?

(Silêncio)

P.337 — Sabe, vocês deveriam cuidar melhor de seus hóspedes, como esperam prestar um bom serviço se não são nem capazes de encontrar a *porcaria* de um ninho de corujas numa janela?

PSQUIATRA — A princípio, devo novamente lhe lembrar que você não é um hóspede, mas sim um *paciente*. Além disso... Melhor seguirmos... Vamos falar da sua irmã. Você parecia ter um afeto grande por ela. Como você se sente com relação a isso?

P.337 — Eu não tenho irmã.

PSQUIATRA — E quanto a Maria?

P.337 — Maria era minha prima.

PSQUIATRA — Não, Maria era sua irmã. Ao que me consta, ela era um ano mais velha que você. Vocês pareciam ser muito próximos.

(Silêncio)

Nota: O paciente fica visivelmente incomodado com o tema. Movimentos repetitivos com os dedos e com os pés indicam súbito aumento de ansiedade.

PSQUIATRA — Você já está há um bom tempo conosco, e percebemos uma nítida melhora na sua condição, achamos que você pode progredir ainda mais. Mas sempre que chegamos nessa época do ano, você demonstra uma regressão ao estado anterior de negação. Percebemos que semanas com longos dias chuvosos o deixam perturbado [...] Diga-me, você gostaria de ser transferido

para a Ala Azul? Eu posso autorizar sua transferência, mas para tanto, é preciso que você coopere. Ficaria muito feliz em assinar esse papel e lhe mandar para um lugar mais confortável, tudo que eu preciso é que você dê o primeiro passo em direção à plena recuperação. Aceitar os fatos seria um bom começo [...] Gostaria de falar sobre sua irmã e o que aconteceu com o bebê?

Nota: O paciente começa a esfregar as mãos e a balançar a cabeça. Segundo seu histórico, esses são sinais do início da alienação mental que corrompe suas faculdades deliberativas.

P.337 — O que falar, doutor, em minha própria defesa, que ainda não tenha dito? Fui vítima de Magia Negra. Tentei salvar minha família e fracassei. O verdadeiro culpado deve estar andando por aí, espalhando o mal sobre a Terra. Seu nome é Thomaz. Dizia-se amigo da família e descobriu em mim um empecilho contra suas ambições. O maldito planejou tudo, trouxe a criatura numa noite de tempestade, antevendo que eu seria o único a enxergar a verdadeira face do monstro. Sabia que eu iria acabar com a coisa. Assim, quando eu o matasse, ela voltaria a ter uma forma humana, e todos me teriam como louco. E como foi que tudo terminou? [...] Ele só não contava com a morte de Maria [...] As coisas saíram do controle, é tudo que tenho a dizer.

PSIQUIATRA — Essa é a narrativa em que você escolheu acreditar, aquela com a qual você consegue lidar. Você era um doente que estava sendo tratado dentro de casa, à revelia das autoridades. Esse homem, a quem você acusa de bruxaria, era tão somente seu próprio médico. Sua família permitiu que você passasse dias trancado em seu quarto, ou mesmo amarrado em sua própria cama, nas épocas em que suas crises pioravam. Essa foi

uma decisão completamente contestável do ponto de vista médico. Você deveria ter sido tratado desde cedo numa instituição preparada para lidar com pessoas nas suas condições. Fosse o seu pai um homem menos rico, você estaria aqui há bem mais tempo e nada daquilo teria acontecido. Com um tratamento iniciado mais cedo, talvez hoje você fosse um paciente sociável e pudesse ter uma vida dentro do que definimos como desvio padrão. Mas nunca é tarde para começarmos uma vida equilibrada. Vamos Delfim, aceite sua condição, encare de frente os seus conflitos, saia das trevas.

P.337 — Maria era minha prima. Fomos criados juntos e meu pai a chamava de filha, por isso a confusão. Thomaz era sim um médico, mas não *meu médico*, e sim médico da família. Desde criança eu tenho dores de cabeça, é o que se considera uma doença crônica, nada além disso. Sou retraído e tive uma infância isolada, tenho lá minhas dificuldades e, às vezes, não controlo meus impulsos, mas até aí não se chama de louco quem por certas ocasiões é levado a atitudes desmedidas [...] Não sou louco.

Nota: o paciente se levanta da cadeira e calmamente caminha até a janela. Fica olhando através das barras de ferro. Há pesadas nuvens escuras se formando no céu.

P.337 — Acho que se aproxima uma grande tempestade, doutor.

(Barulho de cadeira arrastando)

PSIQUIATRA — Enfermeiro, por gentileza, já terminamos.

(Barulho de chaves, ferrolho sendo puxado, porta se abrindo.)

PSIQUIATRA — Bem, por hoje basta. Após essa visita, não mais voltaremos a nos ver. Recebi um convite para ir trabalhar

em outra instituição e, se tudo correr dentro dos conformes, assumirei um cargo na diretoria. Então, como disse, essa será nossa última conversa. Sendo assim, tem algo que gostaria de me dizer, antes da minha partida? Algo que me ajude a tomar uma decisão sobre a sua transferência?

Nota: O paciente continuou de costas, a olhar entre as barras de metal, perdido nas nuvens da tempestade que se aproximava.

P.337 — Mande os faxineiros se livrarem daquele ninho de corujas em minha janela. Elas pioram minha dor de cabeça.

(Fim da transcrição)

Ricardo Serafim

abril/2021

serafim.escritor@gmail.com

www.ricardoserafim.com.br

Histórias de Horror para um mundo assombrado.